

CIRCUNSTÂNCIAS DE UMA CRISE À BRASILEIRA

Entrevista com Fernando Limongi

Após o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff em 2016, as eleições presidenciais deste ano ganharam excepcional relevância. Os novos elementos trazidos para o jogo político nacional pelo cenário institucional incerto e o descontentamento popular têm sido pauta de reflexão não só de acadêmicos como também de comentaristas políticos, lideranças da sociedade civil e dos próprios atores políticos.

Para falar sobre o assunto, convidamos o cientista político Fernando Limongi. Em entrevista concedida em 2017, Limongi comenta os entraves da atual crise política, situando-a dentro das dinâmicas das instituições políticas brasileiras. Além disso, o professor relata sua trajetória acadêmica e seus primeiros anos como estudante em Ciências Sociais.

Fernando Limongi, doutor em Ciência Política pela Universidade de Chicago, é professor titular da Universidade de São Paulo, pesquisador do CEBRAP e vice-coordenador do Núcleo de Estudos Comparados e Internacionais da USP (NECI/USP).

Trajetória Pessoal

Primeiros Estudos: *O senhor ingressou em 1978 na graduação de Ciências Sociais da USP. Como foi o processo de escolha por esse curso?*

Fernando Limongi: Foi uma opção política, era um período em que fazer Ciências Sociais significava um engajamento político. Eu tinha uma preocupação política. Eu sempre fui ligado à política. Em 1974 eu fiz campanha para deputado, então, posso dizer que eu tinha um certo engajamento político, uma preocupação. Mas seria exagero dizer que eu era hiper engajado.

Eu tive um professor no colegial que era egresso daqui, que estava fazendo mestrado à época e eu tinha muito contato com ele. Acho que ele foi o maior responsável por me trazer para cá. Ele acabou indo para a Unicamp, mas depois acabou não seguindo carreira acadêmica. Ele agora dirige o Sócio-Ambiental, é o Carlos Alberto Ricardo, o Beto. Ele foi meu professor no colegial e estimulou um grupo de pessoas do colégio a fazer sociais, muitos da escola vieram pra cá estudar. Acho que foi por isso.

Eu até gostava mais de História do que de Sociais, mas muita gente falava que Ciências Sociais era um curso melhor do que História, mais organizado e tal. Eu

queria fazer alguma coisa de humanas e ligado com política. Mas como a maioria dos jovens, eu não tinha a menor ideia do que eu queria ser. Acho que eu não pensava muito seriamente sobre estas questões. Fui indo, levando o barco.

Primeiros Estudos: *E esse engajamento inicial, que o senhor falou que teve desde o começo antes de entrar no curso, veio de alguma motivação familiar ou de amigos?*

Fernando Limongi: Foi uma coisa mais de querer mudar o mundo, participar, se engajar. Normal, da juventude. Acho que vem daí. Se quiser fazer uma sociologia da minha vida, seria mais ou menos assim: sou o quinto filho homem da minha família de elite; os mais velhos foram ganhar dinheiro; a pressão familiar foi toda sobre os mais velhos, pressão para que eles tivessem uma profissão, diágnos, normal; nunca ninguém me disse “você tem que ser engenheiro”, ou nada do tipo. Meu pai e minha mãe nunca me pressionaram. Gastaram todo latim deles com os mais velhos.

Mas pesou o ambiente político em que estávamos, o regime autoritário, tinha uma coisa ali que era muito forte. Aliás, desse ponto de vista, a faculdade foi uma completa decepção, porque o engajamento político aqui era muito intelectual, a preocupação dos professores era muito teórica e, no caso da Ciência Política, ninguém pensava no sistema político brasileiro. Ninguém estava pensando na transição que estava ocorrendo. Então, era uma grande elucubração, tinha um grande debate sobre as alternativas para a transição ao socialismo, leituras alternativas de Marx e suas consequências, mas nada sobre as coisas estavam rolando, sobre a transição política que estávamos vivendo. Entrei nas sociais em 1979, um momento decisivo, estava em curso a abertura patrocinada por Geisel. Tínhamos decisões políticas a tomar, votar ou não no MDB?

Na USP, estas coisas não eram discutidas. Mas havia um grupo do IUPERJ que estava mais engajado na discussão política concreta, na transição à democracia no Brasil. Em São Paulo, quem trouxe esta discussão foi o Bolívar Lamounier, que havia saído do IUPERJ e estava no CEBRAP. Mas aqui na USP não tinha nada disso. E não tinha inclusive quando eu comecei a fazer o mestrado. Era uma coisa gritante e eu acho que ainda é.

Primeiros Estudos: *Boa parte do curso ainda é assim?*

Fernando Limongi: Boa parte do curso é ‘livresco’, voltado a mandar os alunos para a biblioteca e estudar os clássicos. Quero dizer, a gente manda os alunos

para a biblioteca e não os ensina a pensar, a pesquisar, a pensar a realidade que os cerca. No máximo, queremos ensinar as pessoas a ler, mas não queremos ensinar as pessoas a pensar sobre a realidade em que vivem. E ler gente antiga, que se deruçou sobre um mundo que já não existe. Eu acho isso um erro, um equívoco.

Por exemplo, sempre lutei pela reestruturação das matérias básicas. Acho que não deveriam começar do jeito que começam. Vou contar uma história. No meu primeiro seminário, sobre a transição para o capitalismo, aquele debate clássico entre o Dobb e o Sweezy. Bem, eu dei a minha opinião sobre o assunto e o professor me perguntou: “Você já estudou dialética?”. Respondi: “claro que não” [risos]; “mas como é que você pode falar isso se você não estudou dialética? Você precisa estudar pelo menos cinco anos de dialética para falar isso”, ele retrucou. Então, eu pensei: “por que que tem seminário se eu não posso falar? Por que ter um seminário se tenho que estudar cinco anos para poder ter uma opinião sobre o tema?”. Não é maluco. Então por que tinha o seminário? Era apenas para confirmar que éramos ignorantes? Que tínhamos que nos meter na biblioteca e estudar antes de abrir a boca?

Essa pretensão hiper-teórica ainda domina o curso de Ciências Sociais como um todo e dificulta a relação dos alunos com a realidade social e política na qual eles estão inseridos e que os trouxe para cá. O engajamento, a preocupação com a realidade social que os trouxe para cá, a vontade de “pôr a mão na massa” é ignorada. O que fazemos é dizer “espera, espera, espera! Vai para a biblioteca, lê os caras lá do século quinze e, se possível, alguns que escreveram antes de Cristo” Tira-se o aluno da realidade dizendo: “não, a realidade não existe, o que existe são os livros, o que existe é o texto”.

Eu acho que isto é um erro, é fugir da realidade, do que existe, do país desigual, injusto, deste país absurdo, que todos que vieram para cá, de uma forma ou de outra, querem mudar. E não é lendo textos datados que nós vamos mudar esta realidade. Não é fichando um texto do Marx que vamos mudar o Brasil.

Primeiros Estudos: *Durante a graduação você fez iniciação científica?*

Fernando Limongi: Na época não existia. O que existia era carregar pasta de professor [risos]. Ainda estávamos saindo de um modelo de cátedra para um modelo de departamento. Agia-se muito por cooptação e por grupinhos que giravam em torno dos professores. Eu sempre estudei no período noturno. Eu trabalhava muito, dava muita aula, não tinha tempo para isso. Nem pensei em ser acadêmico. Eu comecei a dar aula e minha cabeça estava voltada para isso. Depois é que eu dei uma readaptada.

Primeiros Estudos: *Então, quando você entrou nas ciências sociais você não pensava na carreira acadêmica?*

Fernando Limongi: Acho que na época, para falar a verdade, eu não pensava muito em nada que fosse mais longo do que o ano seguinte. Apareceu esse negócio de dar aula e eu comecei a dar aulas. Pagava as contas, acho que naquele período a vida era mais barata, sei lá, se pagava melhor... Consegui me virar, aluguei uma casa, resolvi morar sozinho, esse tipo de coisa. Comecei uma vida profissional. Hoje, acho, é muito mais difícil, porque os imóveis são mais caros. Quando eu estava próximo ao último ano de faculdade, em dezembro, na virada de ano escolar, eu briguei com a diretora da escola em que trabalhava e fui demitido, fiquei desempregado. E foi só aí que me dei conta que esse mundo de professor em escolas particulares era um mundo limitado. E aí eu realmente me ferrei porque fiquei desempregado, só consegui um emprego, umas aulas para dar lá por abril e no Objetivo. Pior, como professor de geografia, uma matéria que eu não sabia nada. Eu tive que aprender Geografia e seguir o sistema do Objetivo, em que você precisa repetir as aulas das apostilas. Então, pensei: “essa carreira não vai dar certo” e tentei procurar alternativas. Foi então que um colega comentou que havia prestado mestrado na Unicamp e que lá tinha bolsa de estudos. Pensei que essa seria uma alternativa. Sempre gostei de estudar, sempre levei a sério as matérias, tinham discussões que me estimulavam.

Fui conversar com alguns professores da USP, [naquela época] a vaga era por professor, não tinha um concurso, cada professor tinha suas vagas. Já na Unicamp era o sistema de programa. Você prestava o concurso, classificava e entrava numa classe. A UNICAMP já operava no sistema Capes/CNPq, enquanto a USP, como de costume, resistia. Os primeiros colocados na Unicamp recebiam bolsa. Então, fui fazer mestrado na Unicamp e aí realmente dei uma virada.

Primeiros Estudos: *Na época da graduação, qual eram suas maiores influências intelectuais?*

Fernando Limongi: O meu grande professor aqui na graduação foi o Carlos Estevam Martins. Era quem eu mais gostava. Era um grande, cara muito inteligente, nunca vi um cara tão inteligente e tão capaz. Ele era muito peculiar, era muito irônico, muito descrente. Na verdade, muito cínico. Acho que ele era um velho comunista desiludido, mas era um cara impressionante. Eu fiz dois ou três cursos com ele e ele foi a grande influência que eu tive aqui na graduação. Fiz um curso muito legal também com o Brasília. Eu também gostei bastante, mas eu sempre gostei mais da política. Antropologia eu não fiz nenhum curso, nenhuma optativa. Na sociologia eu

ainda fiz uma coisa ou outra, mas aí é preferência, não é? Mas acho que além do Carlos Estevam, no momento eu não lembro de nenhuma outra grande influência, talvez ele até seja meu 'herói intelectual'.

Primeiros Estudos: *No mestrado na Unicamp o senhor estudou “educadores e empresários culturais na fundação da USP”, e na Universidade de Chicago (no doutorado) o tema foi “Political Regimes and Economic Growth. Theory, Methods and Evidences.” Como foi essa mudança de áreas?*

Fernando Limongi: Quando eu comecei a fazer mestrado na Unicamp, a pessoa que mais me influenciou foi minha orientadora, com quem eu me relaciono até hoje e tenho um respeito enorme: a Maria Herminia Tavares. Ela era a grande liderança intelectual na Unicamp, tinha uma linha de estudos voltada pro welfare state e política social, igualdade, transformações das democracias, etc. Eu estudava na Unicamp, mas fazia alguns cursos de mestrado aqui na USP também. Fiz um curso de mestrado com o Carlos Estevam mais teórico, de constitucionalismo. Aí eu vidrei nisso. Inclusive, escrevi um projeto de mestrado para pedir bolsa da FAPESP sobre John Stuart Mill, James Madison e Tocqueville, três caras que discutiam a tirania da maioria. A minha pergunta era um pouco essa. Eu fui para a teoria. Eu comecei o mestrado em teoria.

Eu estava fazendo este mestrado em teoria com bolsa FAPESP quando a Hermínia me propôs um emprego como pesquisador num projeto coordenado pelo Sérgio Miceli no IDESP. Era sobre a história intelectual, a história das Ciências Sociais no Brasil. Fui fazendo essa pesquisa e ela foi tomando mais meu tempo do que o projeto de mestrado.

Aí aconteceu o outro acidente: abriram um concurso aqui na USP, naquela época ainda era o regimento antigo, antiquíssimo, então era para “assistente de pesquisa”, para quem ainda não tivesse nem mestrado. Era para carregar piano, basicamente. E eu prestei o concurso e entrei. Foi em 1986, ano em que muita gente do departamento ou virou candidato ou se afastou. A Ruth [Cardoso] se afastou porque o [Fernando Henrique] Cardoso era candidato ao Senado. O Bolívar Lamounier, que dava aula aqui, foi candidato à constituinte. O José Álvaro Moisés foi candidato a deputado estadual. O [Francisco] Weffort foi candidato a deputado federal. O Juarez e o Leôncio já tinham se aposentado. O Guilhon estava afastado. O departamento ficou muito desfalcado e resolveram contratar gente sem mestrado. Foi aí que eu entrei.

Então, eu peguei essa pesquisa que estava fazendo lá no IDESP com o Miceli e a Hermínia e transformei na tese de mestrado. Mas quando entrei na USP com esse mestrado e ainda comecei a dar muita aula, fiquei frustrado. Eu queria estar

estudando Madison e Tocqueville, queria estudar a transição do autoritarismo para a democracia, queria entender como democracias funcionam. Esse era meu jeito de pensar a democracia brasileira. E esse era o modelo que eu aprendi na USP: para entender a política eu fui ler autores que haviam escrito no momento da criação da democracia.

Eu fiz alguns cursos com o Bolívar sobre temas mais concretos e sobre a transição [democrática], ele dava aula sobre Linz, Stepan, O'Donnell, Schmitt. E então, essa literatura começou a me motivar. Pensei que se eu ficasse aqui, tendo essa formação na USP, não iria ser legal. Eu viraria carregador de piano, nunca iria produzir ou aprender as coisas que eu queria aprender, sobre a transição e a democracia. Então eu peguei uma licença e fui embora estudar nos Estados Unidos. O meu modelo era o pessoal do IUPERJ, gente que tinha feito o doutorado nos Estados Unidos. Wanderley Guilherme dos Santos tinha feito doutorado nos Estados Unidos, Simon Schwartzman tinha feito doutorado nos Estados Unidos, o Fábio Wanderley Reis - eram os caras que estavam participando mais desse debate, eles faziam surveys eleitorais, eles intervinham no debate, pensavam a realidade brasileira. E, por isso, decidi que iria para os Estados Unidos estudar. Já tinha na minha cabeça que Ciência Política pra valer existia nos Estados Unidos. Então, pensei, "se eu quero ser um acadêmico, se eu quero ser um cientista político, eu tenho que ter uma boa formação e boa formação se obtém nos Estados Unidos". Sobretudo, eu queria aprender métodos e técnicas de pesquisa. Na hora que eu fiz o meu mestrado, não sabia realmente nada de nada. Tem até um agradecimento lá no meu mestrado que alguns dos meus alunos acharam e ficaram me gozando, tirando um sarro. Eu não sabia mexer com dados, não sabia construir uma tabela, nada. Mas eu sempre tive esse lado, digamos assim, empiricista vulgar [risos]. Sempre achei que você precisa ir para a empiria.

A minha tese de mestrado sobre a USP... [hoje] tem uma série de teses sobre a USP, sobre a criação da FFLCH e tal, e eu fui o primeiro cara que escreveu sobre isso ao olhar o número de matrículas feitas nos primeiros anos de criação da USP. E o que você descobre? Não tinha alunos dispostos a cursar a universidade, e não tinha aluno porque não havia cursos ginásiais, não havia gente suficiente saindo do secundário. Criaram primeiro a universidade, sem ter o ginásio, era um absurdo! As turmas tinham quatro, três alunos. E por isto, por não ter aluno, a Faculdade de Filosofia ficou sob ameaça de ser fechada, de ser inviabilizada. O que deu viabilidade para a USP foi a criação de um sistema especial, o comissionamento do professor normalista. Foi uma gambiarra... pois o diploma de normalista não era equivalente ao do colegial, a aceitação era especial. Além disto, o professor primário vinha fazer a faculdade com bolsa, na verdade, porque eles e elas se licenciavam da carga didáti-

ca e vinham estudar aqui. E foi isso que deu estrutura à FFLCH, que gerou demanda por seus cursos.

Mas voltando à ida aos Estados Unidos, eu tinha esta noção ou convicção de que precisava sair para ter uma boa formação. Por isso que fui para Chicago. Mas a minha preferência mesmo era estudar com o Juan Linz, mas acabei não sendo aceito em Yale. Por sorte, porque fui estudar com o Adam Przeworski e quem estuda com o Adam Przeworski sabe a diferença que faz. Ele é exigente, escolhe a dedo seus alunos, mas se você entra em sintonia com ele, se ele acha que você tem jeito para a coisa, aí é uma experiência inacreditável. O Adam é muito bom professor e sabe ensinar a fazer pesquisa. Eu tive ainda outra grande sorte, a de encontrar por lá o José Antonio Cheibub, que já estava lá, que tinha ido antes e nós nos tornamos grandes amigos.

Mas, sem dúvida alguma, eu devo muito ao Adam. Hoje, somos amigos, eu o visito sempre que posso. Mas ele continua sendo meu professor. Ele me manda os seus trabalhos que sempre leio quando chegam. Ele é uma fonte inesgotável de ideias, é uma usina. Para mim, ter passado por Chicago, foi como passar por uma reeducação completa. Porque do modelo USP para o modelo de uma universidade americana é uma mudança radical, é outro jeito de trabalhar, é muito mais pragmático, mais empírico e também é um ritmo de trabalho alucinante. Primeiro ano que fiz lá, eu quase morri. E eu cheguei lá cheio de empáfia, eu já era professor, mas eu cheguei lá e tinha que entregar lista de exercício toda semana, ser avaliado e tirar nota ruim. Foi um desespero no começo.

Ciências Sociais

Primeiros Estudos: *Na academia, entramos em contato com conteúdo extremamente hermético. Como cientistas sociais, enfrentamos o desafio de traduzir esses conhecimentos em um formato acessível ao restante da sociedade, para que tenhamos uma aplicação prática de tudo aquilo que se vê na teoria. Quais são, de acordo com a sua experiência, os meios mais eficientes de estabelecer esse diálogo entre academia e sociedade? E qual a importância desse movimento de ultrapassar as barreiras que nos isolam dentro da universidade, por exemplo?*

Fernando Limongi: Como vocês viram, eu fiz um diagnóstico sobre isto. As ciências sociais aqui da USP, pelas origens, que eu até estudei no meu mestrado, tem essa origem muito elitista, baseada em uma concepção enciclopédica de conhecimento. Tem também essa grande influência francesa e esta queda para a filosofia e a leitura estrutural de texto. O que me ensinaram - e acho que muitos continuam a

ensinar - era como destrinchar a lógica interna de um texto, sempre assumindo que a obra do autor tem uma unidade. O que acaba acontecendo é que os nossos alunos são transportados para este mundo abstrato, pretensamente teórico, que é um mundo ilusório, o do texto. E aí se confunde a realidade social com a obra de um autor como se fossem as mesmas coisas. Eu sempre defendi reformas, mas sempre fui, digamos assim, vencido nos debates internos. Por exemplo, se você pegar as três disciplinas que compõem o curso de ciências sociais: antropologia, sociologia e ciência política, a antropologia acaba levando vantagem, pois é a única que insiste no trabalho de campo, em ver ver como as coisas são. As duas outras disciplinas não fazem isto. Acho que esta é uma estratégia equivocada. Penso que devemos começar com: “bom, e a desigualdade na cidade de São Paulo? E os conflitos políticos na nossa sociedade? E o impeachment?”. Partir daquilo que está nos tocando e aí começar a dizer que tem um jeito lidar com a realidade que não é o das pessoas que estão fazendo política, que não é das pessoas que estão no PT, PSDB, PCO, PSTU, onde for. Tem gente que está em movimentos sociais e partidos, mas nós somos diferentes, nós como cientistas sociais queremos entender as coisas. Nós temos que entender o que está acontecendo. O PSTU, o MST, o processo de impeachment, o que for, são nossos objetos, é o que nós temos que entender. Mas nós deveríamos dar as ferramentas aos estudantes de Ciências Sociais para que eles façam o que bem entenderem.

O único objetivo do aluno de ciências sociais não é ser acadêmico, não pode ser. Este é outro erro que temos, é achar que só deveríamos formar acadêmicos. Podemos formar gente que saiba as coisas, que queira fazer coisas e que se sinta capacitado para fazer coisas. Uma delas é ser acadêmico, mas ele deve começar a ser um acadêmico no mestrado e no doutorado, talvez só no doutorado. Pode ter um lugar pro mestrado que ainda não é totalmente acadêmico, que seja mais prático e que capacite as pessoas. Nós precisamos de gente que saiba pensar e entender as coisas. Nós não queremos gente [que atue] só como membro de uma torcida uniformizada, seja no impeachment pró ou contra ou no MST, ou no que for.

Existe esse mundo pra ser explicado. As Ciências Sociais tem uma tradição de explicar esse mundo e de entender esse mundo, de capacitar as pessoas para entender. E a medida que capacitarmos os alunos a entender, a explicar as coisas, cada um vai decidir o que fazer com este conhecimento. Vai ter gente que vai falar: “quero ser acadêmico”, ou “quero ser teórico”, “eu quero ir pra biblioteca”. Mas tem gente que vai querer fazer mil outras coisas, trabalhar em ONGs, se engajar, ser burocrata, abrir empresas de pesquisa, sei lá. Mas o não podemos fazer é afastar os alunos do mundo real.

Acho que no fundo isso acaba sendo esse mundo hermético que você falou. Acho que há uma estratégia dos professores, uma tentativa de criar um mundo elevado das ideias, um mundo que eles habitariam e que seria inacessível para a maioria dos mortais. Um mundo que, em última análise, a maioria dos alunos não teriam condições de habitar, um mundo hermético, povoado por professores que sabem essas coisas complicadíssimas, coisas que precisam de cinco anos de estudo de dialética serem decifradas.. Então, você aluno, fica no seu lugar e essa distância imensa para com o professor é mantida. E você aluno acaba não demandando nada dele, porque o aluno não está em condições de demandar nada. Cria-se esse fosso enorme entre professores e alunos. Acho que nós professores acabamos vivendo neste mundo fantástico, irreal, habitado por sabichões predestinados. Acho que não percebemos, mas esse é o nosso movimento, esta é a nossa defesa, esta é a forma de justificar nossos empregos e privilégios.

Eu estou ficando velho, chato, ranzinza depois de tanto tempo aqui. Por isto mesmo minha tendência tem sido a de dar cursos mais informais, mais 'avacalhados', foi a forma que encontrei para quebrar estas barreiras, encurtar as distâncias, poder trocar ideias e experiências com os alunos. Eu estou tentando dar cursos bem despretensiosos, com uma dinâmica aberta. Em lugar de oferecer um banquete pretensioso com talheres de prata, eu aviso de cara, vamos comer pão com mortadela. Nós vamos explorar novas informações, vamos descobrir problemas de pesquisa. Os últimos cursos que dei, eu comecei sem ter um programa fechado. Às vezes não dá certo [risos]. Tem aula que não dá nada certo, mas eu vou jogando material. Minha mania agora é legislação eleitoral, reforma eleitoral... então eu trago material dos debates legislativos, quero mostrar questões concretas, o que que rolou no dia-a-dia dos que decidiram por esta ou aquela reforma. É isso que tenho feito para motivar os alunos e me motivar. Não sei se eu respondi à pergunta.

Primeiros Estudos: *Pelo que o senhor vem falando, percebe-se que essa decepção surgiu logo que você chegou na universidade. E ao longo da graduação e ao longo do mestrado, por exemplo, isso foi crescendo. Lá em Chicago você notou uma diferença?*

Fernando Limongi: A diferença é enorme, muito grande, é outro modelo. Tem todo tipo de diferença, que vai da sociedade, do jeito que eles vivem ao jeito como é construída a academia americana. A academia americana tem também suas distorções, seus problemas. Ela é hoje muito insulada da realidade, mas ela é

totalmente voltada para a produção intelectual. Ela protege o departamento, ou o grupo de professores, pesquisadores e alunos. Isola completamente. Não é à toa que muitas universidades americanas ficam fora das grandes cidades, algumas em lugares afastados. Você fica vinte e quatro horas por dia trabalhando e estudando. Todo mundo está ali respirando esse ambiente e só esse ambiente, ninguém tem vida pessoal [risos].

Então tem este outro lado que é trágico: à meia noite está todo mundo na biblioteca e esse é o ponto de encontro, no lugar de ficar trabalhando, onde fica o computador. Hoje eu não sei como é, mas quando eu estudei lá não tinha internet, então você não ficava em casa. Você ia para o lugar dos computadores, ficavam lá os programas como o SPSS, coisa que não tinha como você ter no seu computador. Você ia lá e trabalhava, ficava nesse ambiente de trabalho boa parte do tempo. A distância entre os professores e os alunos é muito pequena e a intensidade da relação é muito grande.

Primeiros Estudos: *E tinha mais aproximação dos assuntos estudados com o que estava acontecendo de fato na sociedade?*

Fernando Limongi: Não. Muito remoto. Você não discute política americana dentro da universidade. Isso tem um lado bom e um lado ruim. Afasta muito, mas por outro lado permite que você possa conversar com alguém que seja antagônico politicamente a você, que o debate seja construído em termos intelectuais. Então, você pode ter um democrata e um republicano, que não se entendam na política e mesmo nas decisões pessoais, mas que podem debater academicamente, que construíram argumentos e contra-argumentos com rigor próprio à produção acadêmica. As exigências lógicas e metodológicas dão base para o debate, para uma conversa que obedece regras e convenções. Então nisso é bom, tem mais interação e mais diálogo. Aqui, como nós somos muito partidários, acaba sendo até maniqueísta, tem uns que estão certos e uns que estão errados, tem uns que eu ouço e uns que eu não ouço. Então, com isto, a produção acadêmica acaba emprobecida, acaba se esterilizando em igrejinhas, grupelhos sem interação que não seja o reforço da lógica do próprio grupo..

Tem várias outras coisas; a estrutura de incentivos aqui é muito ruim. Eu, desde que estou aqui, sou funcionário público, e brinco às vezes que para eu ser demitido aqui, tenho que bater no Reitor e tem que ser com as duas mãos [risos]. Eu brinco também que eu vou dar um curso sobre o segundo mandato do Jânio Quadros, que vou registrá-lo. E eu poderia dar este curso o resto da minha vida e ninguém iria me me dizer que o curso não faz sentido, que trata de algo que nunca existiu. Se eu

inventar alguma coisa, eu posso fazer, como estes últimos cursos que inventei, sei lá se eles foram bons ou não. Eu gostei e isto, no final das contas, é o que basta. Mas o fato é que não tem ninguém me cobrando, me avaliando. Isso é muito ruim. É outra coisa que é muito ruim para os professores, essa ausência de cobrança, de avaliação. Isto contribui decisivamente para que vivamos neste mundo irreal que criamos para nós mesmos.

E quem poderia nos cobrar acaba não nos cobrando. O movimento estudantil não cobra qualidade do trabalho dos professores, cobra filiação ideológica, apoio ao próprio movimento. Ele pode ser um professor horrendo, mas desde que tenha a filiação ideológica certa, está tudo bem. E isto fica patente nas greves, nas aulas públicas que ocorrem em todas as greves, elas são a prova desta aliança ideológica entre estudantes e professores. Mas o fato é que não tem nenhuma cobrança de qualidade, de comprometimento com pesquisa, de estar fazendo coisas. Então o movimento estudantil, que é o único que poderia nos pressionar, no fim acaba por não fazer isto. O movimento estudantil não se preocupa com a qualidade do ensino, demandam outra coisa e o resultado disto tudo é que os professores ficam sem cobrança, sem avaliação, sem ter que pensar sobre qual a contribuição de seus cursos para a formação de seus alunos. No fundo, não sabemos por que temos um curso de ciências sociais, quais seus objetivos, quem queremos formar.

USP

Primeiros Estudos: *Levando em conta esse atual momento, sobretudo a crise de recursos financeiros pelo qual a USP vem passando, na sua opinião, quais são os principais desafios que o novo reitor precisará enfrentar?*

Fernando Limongi: Ele vai continuar com esse limite financeiro muito forte. Cada um tem o direito de falar o que quiser da administração passada, mas é preciso reconhecer que foi uma administração que conseguiu resolver um problema gravíssimo. Veja, eu estava falando da falta de responsabilidade ou de cobrança sobre os professores, cursos, etc. Ora, o jeito que a USP administrou os recursos que tinha e entrou nesse endividamento no período da reitoria anterior, a do Rodas, mostra uma irresponsabilidade com o uso do dinheiro público que beira o absurdo. O que as universidades públicas paulistas recebem dentro do orçamento não é pouco, é muito. Se você fosse fazer o orçamento do zero, seria difícil justificar a destinação de 9% do ICMS para as três universidades. Eu não sei comparar com, por exemplo, o quanto de recurso vai para o ensino fundamental e básico, mas tem aqui uma prioridade que talvez não esteja correta. OK, não se faz o orçamento do zero, é sempre

incremental e há sempre esta enorme dependência das decisões anteriores. Se você hoje parar de dar isso para a USP, seria desmontar uma coisa e criar um problema ainda maior. Então nós vamos trabalhar com isso aí. Agora, a USP pedir mais, acho que isso não cabe. Quer dizer, nós já temos o suficiente. Temos muito. No interior dos recursos públicos destinados à educação, a USP é privilegiada. E o fato é que ninguém aceitou a ideia que era preciso fazer sacrifícios, que era preciso ficar sem aumento para recuperar as finanças, sair do vermelho. A reação geral foi: pede mais ao governo, o governo tem que dar mais.

E veja, nós da USP temos um complemento, que é a FAPESP, que nos dá recursos para a pesquisa, que é outro grande privilégio, outra grande fonte de recursos que não pode ser desprezada. A Fapesp ainda tem a vantagem de ser muito bem administrada. Então, não sei se é justo reclamarmos tanto. A USP precisa tomar decisões melhores, ela precisa ter claro suas prioridades, onde ela quer investir recursos levando em conta seu compromisso social.

Nós sabemos que no período Rodas houve um equívoco, investimentos e prioridades erradas. E isto ocorreu por razões conjunturais, específicas. Dado o atrelamento das despesas das três universidades paulista, a USP não podia dar aumento aos seus professores. E a USP acabou ficando com muito dinheiro em caixa. Economizou muito e foi guardando, fez um fundo. A administração Rodas decidiu gastar parte deste fundo, investir. Em si mesmo, não foi uma má ideia. Mas acabaram investindo errado. Acabaram privilegiando os salários dos funcionários, em contratar muita gente e em elevar muito o salário dos funcionários. A disparidade entre salário de professores e funcionários hoje na USP é problemática. Tem muito funcionário recebendo mais do que professores em cargos que não exigem tamanha competência. É uma coisa que está mal acertada, mas também hoje não dá mais para refazer isso. Então, precisa lidar com isso. A administração pública tem estes problemas.

A USP teria que aprender a definir melhor suas prioridades. E a grande dificuldade da universidade, como em qualquer corpo coletivo, é saber quais são suas prioridades e investir nelas. A USP é um mastodonte. Tem muito pouca comunicação horizontal, ela é toda verticalizada. Então, no fundo, é como a descrição do Tocqueville: o único que se destaca é déspota enquanto os demais são iguais em sua nulidade. Tem a Reitoria e o resto. Não conseguimos conversar entre nós, o professor da Ciência Política e o professor da Física não se encontram sem a intermediação da Reitoria. Tudo passa pela Reitoria. Não tem nada horizontal. A única coisa horizontal que tem é a ADUSP, que pode fazer essa conexão, mas ela faz do lado sindical e não do lado acadêmico. Ela está no direito dela, tem que ter, mas não define as prioridades acadêmicas.

Então, o modelo me parece muito centralizado e precisaria ser reinventado para dar mais maleabilidade e mais capacidade de decisão estratégica para cada unidade, para que cada uma fosse capaz de ter um projeto. Agora, eu sempre defendi que a FFLCH é muito grande para fazer uma coisa como essa, para ter uma prioridade. Ela, com exagero e tudo, chega a ser maior que a UNICAMP. Não dá. Ela teria que se dividir. Sempre achei isto, sempre defendi isto. A FFLCH é muito grande e inviabiliza a definição de estratégias. E então fica nessa de “vamos empurrando com a barriga, ninguém faz nada, se não me empurra eu também não te empurro e vamos que vamos”. E fica tudo como está.

Primeiros Estudos: *Lemos em uma reportagem da Folha de São Paulo que aborda a perda de alguns professores para faculdades privadas e um dos argumentos para esse egresso seria a ausência de reajuste salarial e outros incentivos financeiros aos docentes. Levando em conta a crise e a evasão dos professores, você acha que essa situação pode se transformar em uma tendência? E quais as consequências disso para uma Universidade com tamanho renome como a USP?*

Fernando Limongi: A USP tem enorme dificuldade de lidar com as diferenças e acaba tratando todos como iguais. Todos os professores são iguais porque são funcionários públicos e membros de uma carreira que é regulamentada. Mas seria necessário ter mais flexibilidade. Se o mercado tiver oferecendo mais para professor de economia nas [faculdade] privadas que aqui... Tem privada oferecendo condições de trabalho para que se desenvolva trabalho acadêmico. Então, você pega quem é 7 na CAPES, que é uma medição basicamente acadêmica, quem está publicando em revistas de renome etc. As privadas querem isso, pessoas competentes e bons pesquisadores.

Acho que é um problema que a USP vai ter que lidar e enfrentar. Não é fácil porque a USP não consegue ter a maleabilidade que uma privada consegue ter. Nos Estados Unidos, meus colegas e amigos trocam de universidade, de emprego, a torto e a direito. Estou ensinando hoje aqui e amanhã vou pra lá. E o que faz ele mudar? O salário maior, melhor condição de pesquisa, mais dinheiro para montar sua equipe de pesquisa, para contratar assistentes, tempo livre para escrever etc. Então, se as privadas começarem a investir nisso...

No caso da FEA, ela tentou fazer um projeto de competição usando as fundações para atrair professor. Mas parece que não conseguiu reter a maioria dos que contratou, isto é, ela está enfrentando esse problema, e é um problema grave. Agora, pode ser mais grave ou menos grave em uma ou outra área. Na área de Ciências So-

ciais, você não vai ter as privadas abrindo curso de Ciências Sociais. Não tem demanda. Onde há um boom é em cursos de Relações Internacionais. Mas Ciências Sociais, História, Geografia não. Não tem demanda. Há cursos menos acadêmicos que os da USP, menos formativos, que são voltados para formar professores de segundo grau, mas estes não cometem com a USP e não vão querer nos contratar. Então, a nossa situação é diferente do que a da FEA. Nós não estamos tendo essa competição. É difícil reclamar... Dá para reclamar e não dá para reclamar, vamos dizer assim.

Ciências Sociais, até onde eu consigo entender, é [um campo] muito barato fazer pesquisa comparando, por exemplo, com Química, com Medicina, com essas outras áreas onde o laboratório ou os insumos são muito caros. Nossa pesquisa é relativamente barata e nós temos como financiar. Nós temos a FAPESP. Então, até onde eu consigo ver, pesquisa bem montada, bem fundamentada, tem apoio da FAPESP. Ainda não tenho notícia de ninguém que tenha feito um bom projeto e que tenha tido seu projeto negado pela FAPESP por falta de recursos. Tudo bem, quando se está em crise, a FAPESP também passa por escassez de recursos, dá uma comprimida, fica mais difícil etc. Mas eu não vejo que estejamos com falta de recursos na nossa área.

Tem um problema que é dentro da USP, dinheiro da FAPESP é relativamente fácil de gastar, quero dizer, você não tem tantas restrições burocráticas para gastar. Não precisa de licitação. Porque nosso dinheiro é curtinho, fica abaixo do teto de licitação. Agora você tem que comprar um reator, aí você se vai encontrar complicações... ter que importar o negócio, você está em mais lençóis. Mas o nosso é baratinho. Dá para ir para o campo.

Também tem um problema que a USP é muito mastodôntica e muito pouco maleável para montar a estrutura de pesquisa. Eu faço às vezes pesquisa nos Estados Unidos, tenho colaborador lá. Lá as coisas funcionam de outra forma, a eficiência é maior... e aqui tudo é muito difícil. Aqui vigora a cultura do funcionário público, você vive metido neste mundo em que se faz tudo para evitar corrupção, para evitar nepotismo, clientelismo, fisiologismo, então você tem todas essas regras. Mas estas regras acabam inibindo a iniciativa. Tem o NECI aqui, o núcleo de estudos a que estou vinculado, nós tivemos recursos da Reitoria na época do Rodas, mas eu não consegui gastá-los. Não é que eu não consegui gastar os recursos, é que eu fiquei com medo de gastá-los.

Eu fiz duas licitaçãoezinhas, pequenininhas e a mesma firma ganhou e era para duas coisas completamente diferentes. Aí eu me perguntei: "Como assim? O senhor derruba muro e faz banco de dados?". Depois eu entendi o que era. Ele era bom em ganhar licitação, tinha toda a documentação preparada para ganhar a licitação e depois ele terceirizava. Então, ele ia terceirizar o meu banco de dados. Falei: "O

senhor não vai não, não, eu não vou jogar o dinheiro fora”. O mesmo para comprar computador, a gente ia acabar comprando aqueles computadores que não funcionam. A mesa que comprei é de papelão porque é a de preço mais baixo. Os copos d’água que temos aqui vazam! Vocês já viram isso? O que é isso? É o mais barato! Eles ganham a licitação. Aí você tem que fazer um truque, conseguir fazer a especificação, de modo que esse picareta não entre na competição. Depois ele fala que você está dirigindo a licitação para favorecer alguém, que aí tem conluio essas coisas e aí alguém vai falar: “por que você não quer comprar o mais barato?”

E tem aquele que tem a indústria para fazer barato e não funcionar. Não tem como. Nós compramos uns computadores que queimaram no dia seguinte. Quando entendi esta lógica perversa, resolvi que não usaria os recursos. Quando o recurso é da FAPESP, aí entra em outro regime de licitação, que me permite maior discricção, agilidade. Ela fala: “você quer comprar um computador mais caro? Tudo bem, se você justificar, pode comprar. Mas aqui dentro da USP eu não posso fazer isso. Todo mundo fica com medo de se dar mal. O que eu fiz? Devolvi o dinheiro do NECI. Está errado, deveria ter alguma coisa que modernizasse esta forma de gastar dinheiro. Mas dá para entender a preocupação, porque se facilitar muito, aí eu posso comprar copos de um parente, sei lá do do meu tio que tem uma fabriqueta de copo e aí nós ficamos ricos. Então, eu sei, não tem solução fácil.

Primeiros Estudos: *A USP adotou recentemente o sistema de cotas étnico-raciais e sociais para o ingresso pela FUVEST. De acordo com sua percepção de docente, quais serão as principais consequências na dinâmica acadêmica?*

Fernando Limongi: Depende de como for implementado. Eu sou plenamente favorável às cotas. Os argumentos contrários não se sustentam. Quem entra sem cota está sendo beneficiado por um privilégio. Acho que devemos favorecer os mais desprotegidos ou mais discriminados a ter um acesso mais fácil à USP, é nossa função social. Óbvio que o que tem que fazer é que seja mais que o simples ingresso. Só preencher por preencher a cota, falar: “aceitei 30% de negros” e os negros saem no ano seguinte por evasão, não vai adiantar nada.

Há muito tempo, eu fiz um estudo uma vez sobre quem entra na USP or carreiras. Peguei os dados da FUVEST e olhei a ficha de inscrição e vi o que acontecia por carreiras. O que acontece, por exemplo, na Medicina: raramente entra um negro, um estudante de escola pública. Mas se entra, sai no ano seguinte. Não aguenta. Obviamente você tem que ter essa preocupação para que essas pessoas que estão entrando tenham condições de fazer o curso. Pela minha experiência e por esse estudo que eu fiz, o meu diagnóstico é que nas Ciências Sociais, ou na FFLCH como

um todo, as cotas não terão grande efeito. A diferença, se houver, será pequena. Isto porque nós já somos bastante inclusivos. Quem não é, quem é 'exclusivo', são os cursos profissionais. Lá que está o problema. Aqui é onde entra aluno de escola pública, é onde entra negro, onde entram os mais pobres, com pais e mães sem ensino superior. Onde não entra? Direito, Medicina, Engenharia, FEA, Arquitetura. Arquitetura é hiper-elitista. Até porque é integral. Pobre não pode fazer FAU. Vai viver do quê? Passar o dia lá? Não tem noturno. Nós temos noturno.

Se você prestar atenção, eu parei de dar optativa de graduação no vespertino. Não tem aluno! Os alunos vão todos para o noturno porque estão trabalhando. Fica muito pouco aluno no vespertino. Aí é um desperdício de recurso, ficar dando aula para 3, 4. Pior, parte deles dormia na minha sala de aula. Duro de aguentar, um absurdo. Nas optativas, melhor juntar todos no noturno. Não que eu ache que seja bom. Melhor seria que as pessoas pudessem se dedicar integralmente aos cursos.

Mas voltando às cotas. Seria legal se a Sociais também fosse mais inclusiva, mas aqui a competição -a diferença entre quem entra e quem não entra pelo vestibular é pequena. Então, esta outra preocupação, a de que as cotas poderiam baixar a qualidade do alunato, não pega para a gente. Eu acho que não vai alterar porque a diferença não será grande. No funcho, é o mesmo aluno. Na verdade, não sei como que acabou sendo operacionalizado, mas aqui, no máximo, vai tirar alguém com a mesma característica social do que passará a entrar. Nas profissionais mudaria. Esse estudo que fiz ainda continua na minha cabeça. Eu vi que a distância entre as notas médias dos mais ricos e dos mais pobres (medindo estes grupos das mais variadas formas) era constante por carreiras de ingresso. Assim, quem não entrava na Medicina em razão desta diferença poderia, por exemplo, entrar em Direito dada a diferença nas notas de corte. E aí eu me perguntei: "por que o negro que está prestando Medicina, que não consegue entrar na Medicina, por que ele não presta Direito? Se prestasse, entraria". A sua nota era mais do que suficiente para entrar em Direito. Esse cara não está sendo racional, certo? Ele está sendo barrado na medicina enquanto poderia estar cursando direito. Tudo bem que boa parte destes vão acabar entrando em outros cursos de medicina, cursos menos demandadas que a USP, mas o número é muito grande e essa diferença aparecia em várias carreiras. Eu fiz a mesma coisa por anos de ensino no setor público vs. privado, sempre dava essa diferença. Fiquei um grande tempo matutando: "por que esse cara aqui não vem pra cá? Por que ele não entra na FEA?". Melhor entrar na FEA.

A resposta que encontrei é a seguinte: o simulado informa o aluno quanto ele precisa estudar. se ele está no topo, então não precisa estudar mais, digamos, ele pode se divertir no domingo, pode descansar. Assim, essa distância é mantida curso

a curso pelo tamanho do investimento que o 'privilegiado' faz para barrar o 'ferrado'. Quem tem uma vantagem, tem como manter essa vantagem dosando quanto estuda. A diferença está lá, está na base, é estrutural.

Então, se o modelo da cota for dar 10% a mais de nota para o menos favorecido, o melhor posicionado vai perder mais domingos estudando, ela manter essa diferença para garantir que entre nos cursos mais competitivos. Então, tem que ter uma política que garanta que o cara que vem debaixo entre independente da distância de nota que ele tem. Não pode ser só por peso. Teria que definir um patamar mínimo a alcançar que garante a entrada na medicina, se você é negro, se você é de escola pública e você preencheu este mínimo, você entra e o filhinho de papai não entra. Este tem como pagar a faculdade, pode estudar em outro lugar! Teria que ser assim.

Não que seja fácil de operacionalizar. Sempre vai ter quem vai fazer escola privada, mas também faz escola pública, só pra ter o diploma. É bico fazer isso! Finge que está na pública, mas faz um cursinho, alguma coisa por fora que o papai paga. Assim como vai ter quem vai dizer que é negro e não é, mas nós não temos essa regulamentação que nem nos Estados Unidos onde há uma regulamentação estrita sobre raça e cor, de quem é negro e quem não é negro. A não ser que passemos a ter isso. Não sei se é legal, mas alguma forma tem que ter. Que essas pessoas que tem capacidade e que tem menos condições deveriam ser incluídas, não tenho a menor dúvida!

Conjuntura Política

Primeiros Estudos: *No seu artigo publicado na Novos Estudos no especial dinâmica da crise "Impedindo Dilma", o senhor reconstruiu a conjuntura do Impeachment a partir dos atores que o senhor considera que foram centrais nesse processo. Então pelo próprio tipo de análise, o seu artigo ressalta a contingência desse processo. Situando o Impeachment na história política brasileira, nós percebemos que não é uma exceção. Mesmo nos curtos períodos mais ou menos democráticos, poucos presidentes conseguiram cumprir os seus mandatos. Na república populista, por exemplo, só o Dutra e o Juscelino. Na nova república, depois do Collor, que já estreou sendo "impeachmentado", só outros três presidentes. O que pode haver de estrutural no impeachment da Dilma que nos permita decifrar um pouco do desafio democrático aqui no Brasil?*

Fernando Limongi: Bom, eu me recuso a pensar que tenhamos um problema estrutural, que exista uma incompatibilidade entre o Brasil e a democracia. Se for estrutural, nós estamos ferrados! E eu não vou viver nesse mundo. Se for estrutural, se for acontecer isso sempre e eu vou ter que pegar o pijama e ficar em casa assis-

tindo, sem poder influenciar. Então, esta recusa é uma posição política. Dizer que é estrutural é se resignar, é ser covarde. “Ah, é o capitalismo”, e aí, ninguém tem culpa de nada? E não é só uma posição política e ideológica, é uma postura analítica fundamental. Sempre é contingente. O mundo em que você vivemos é produto de decisões, de estratégias, escolhas..

O Brasil não está na zona de instabilidade, digamos assim, maior. O Brasil pode e deve ser democrático. Ainda que eu me revolte com o impeachment da Dilma, acho que é um erro equipará-lo a um golpe militar. Não interrompeu a normalidade democrática. Então, de certa forma, a resposta é: isto acontece. Quase ocorreu com o Clinton, nos EUA. Chegou a ser ‘impeachado’ pela Câmara. O Senado é que segurou, e foi um voto partidário, porque os Republicanos não tinham maioria no Senado. Então o impeachment virou um negócio perigoso com partido político. Os Estados Unidos usaram pouco.

É muito contingente. Acho que tem erro político. O que eu tenho feito, além de trabalhar como acadêmico, eu tenho saído à rua, digamos, publicando artigos para falar do erro político cometidos por e de todos os lados: que o impeachment foi isso, o resultado de uma sucessão de erros. No começo, meus primeiros artigos nesta conjuntura, foram contra a direita, né? Ou contra a quem estava se aliando com o Eduardo Cunha. Era este, desde o começo, o meu diagnóstico. O cara que vai dar o golpe, que vai retirar a Dilma do poder é o Eduardo Cunha e os tontos estão entrando no ‘golpe’ dele. E eu acho que todos os tontos da direita – alguns menos, outros mais: tem tonto-tonto, tem tonto mal-caráter! Muito mal-caráter quem entrou na jogada de mal-caratismo e de anti-petismo doentio. Mas teve gente que entrou de tonto, trouxe. Acho que parte do PSDB entrou de trouxe. Não se deu conta da burrice que estava fazendo. Em parte, o que eu tentei fazer como ator político foi falar: “escuta, vocês não estão vendo isso?”. E eu fiz um esforço político de escrever textos que funcionassem como alertas, como se meu público alvo fosse o PSDB. Foi esta a minha intenção ao escrever o primeiro artigo para a Revista do CEBRAP: O passaporte de Cunha. Eu havia escrito um anterior para o Valor que chamei de O método Cunha. O meu interlocutor era o PSDB: “Meu! Olha o que vocês estão fazendo! Olha o cara com quem vocês estão se aliando!”. Não adianta eu falar para o PT. Porque o PT, digamos, é a vítima.

Hoje eu tenho uma visão um pouco diferente, estou estudando isso. Eu estou querendo escrever algo mais taludo sobre o impeachment. Estou revendo os jornais, revendo a conjuntura. O PT não se deu conta, também, de onde ele estava se metendo. Ninguém saiu em defesa da Dilma. Todo mundo saiu em defesa do Lula! E a Dilma, ninguém defendeu. Ninguém se deu conta.

Eu acho hoje que – este o meu diagnóstico – foi um show de irresponsabilidades, porque ninguém acreditou que alguém ia estourar a bomba atômica. Porque bomba atômica ninguém estoura. Todo mundo ficava falando “vamos fazer impeachment, vamos fazer impeachment!”, mas estas pessoas estavam certas de que o impeachment não iria acontecer. E o PT também, “não vai acontecer o impeachment e o que precisamos é proteger o Lula de ser preso. E não precisa proteger a Dilma. E a Dilma também achou: “não vai rolar comigo”. E a Dilma estava fazendo o quê? “Eu preciso sacanear com esse pessoal que só fica falando no Lula”. Então, no interior do PT, se instaurou uma briga entre os grupos “lulistas” e “dilmistas” e eles também não se deram conta do que estavam fazendo e não se armaram para se defender. E o Cunha foi o único! O Cunha parecia aquela série House of Cards! No House of Cards o único personagem que é estratégico é o Frank Underwood. É o único a agir estrategicamente, a traçar planos, a antecipar o que os outros farão. Como os demais agem como tontos, a estratégia dele sempre dá certo. Então aí é bico! Você manipula e os outros não. O Cunha no fim acabou assim. Porque ele foi fazendo o negócio e todo mundo falava: “Ah! Isso aí não vai rolar! Ele não vai bancar isso”. A hora que ele veio e bancou, ninguém tinha como voltar pra trás.

Mas tem um monte de coisas que eu não consigo entender. Por que a sociedade brasileira se ideologizou desse jeito? Por que se polarizou desse jeito? Obviamente que a culpa maior é da direita, que virou histórica, que se virou contra o PT de uma forma que não dá para entender. Estão de volta à Guerra Fria e falam de ameaça comunista. Que ameaça? Teve uma parte da elite brasileira que sei lá por quê e quem é - eu não consigo entender - que elegeu como prioridade número um se livrar do PT. Não consigo entender. O que o PT tem de tão terrível e tão ameaçador? Não tem nada disso. É um partido que está fazendo umas reformas, estava avançando, mas não estava ameaçando ninguém. Não é comunismo, tirar casa, tirar propriedade, não tem nada disso rolando. Então de onde é a ameaça, por que essa histeria infantil? Parece que estamos de volta aos anos 1950.

E aí, tudo bem, tem uma coisa muito similar nos anos 1950 com Vargas, que tem o Lacerda que entra num delírio anti-Vargas que você não consegue entender de onde vem, por que eles tinham medo do Vargas. Mas naquela época, tinha a Guerra Fria, entra num caldo ali que acaba justificando tudo, mas hoje não tem isso. Por um acaso o PT é aliado da Coreia do Norte? ... ou da China? Não entendo, não dá para entender. É completamente maluco. Mas não é isso que explica o ‘golpe’, o impeachment. Foi isso que que escrevi na Novos Estudos e insisto. Não, não é isso que explica o golpe. Não foi para reverter política social, não foi. Este foi o efeito que teve, mas não foi a motivação.

Primeiros Estudos: *Em entrevista à revista Época, o senhor justamente diz isso, não compreender o porquê das elites não suportarem quatros anos de PT.*

Fernando Limongi: O PSDB estava com a presidência na mão... jogou fora! Ele continua tentando jogar fora, mas continua na sua mão, a presidência está na mão do Alckmin. Se tudo correr normal, vai cair na mão do Alckmin. Agora os caras querem fazer besteira, ficam inventando Bolsonaro e Luciano Huck... Pega o chuchu! O pessoal não lembra, mas o apelido do Vargas em 1930 era o “chuchu”, porque ele era incapaz de tomar decisão. Em 1930, era o apelido dele. Vargas era inodoro, insosso. Então pra que inventar?

Deu no domingo, foi manchete da Folha: “mercado começa a adotar Bolsonaro”. E a Folha está fazendo tanta reportagem, tanto que eu não consigo entender, eles acabam inventando isso, dando força a Bolsonaro. Onde que isso existe? Não existe, é notícia que eles estão plantando. Qual é o serviço que eles querem prestar? E quem é que está financiando o cursinho de bom civismo para o Luciano Huck? São os mesmos caras que financiaram o Temer. Então é uma loucura, dar a presidência pro Luciano Huck, você já imaginou? Você tá fazendo uma aposta né, por que vai que o Lula vence? Mas qual é o risco, qual a consequência do Lula ganhar? O quê que o Lula vai fazer? Se tem um cara que é bom pro mercado, este cara é o Lula. É o homem que eles deveriam querer, e que consegue organizar a esquerda, tira a esquerda da rua, disciplina a esquerda, eu não entendo... Então tem uma irracionalidade inacreditável.

Fiquei pensando, comparando com pré 64. A explicação da Argelina Figueiredo, no livro dela, é que a esquerda interpretou mal as informações políticas geradas pelo processo político, que sobrestimou sua força, que não estavam percebendo... que a esquerda não percebeu a sua fragilidade e foi pro pau e perdeu porque o outro lado era mais forte. Mas ali tinha Guerra Fria para toldar a cabeça de todo mundo, para fazer as pessoas acreditarem em coisas malucas, que a Revolução era necessária e inevitável, que estavam do lado da história, estas coisas. Hoje a esquerda é reformista, totalmente inserida no jogo democrático. Então, hoje, a direita não tem nenhuma razão para ser golpista, para temer a esquerda. Pra que ser golpista? Mas a irracionalidade está maior do que em 64. Não entendo, a direita começou com esse papo de bolivarianismo, de Chavez. Não tem nada parecido com Chavez no PT.

Primeiros Estudos: *Esta entrevista foi dada em 2016. De lá pra cá o impeachment se consumou. E nós estamos vendo o governo Temer com todas as suas dificuldades, aprovando uma reforma, aprovando um programa mais ou menos para anunciar*

a Ponte Pro Futuro, aqueles documentos todos, que é um programa distinto do que a esquerda está implementando.

Fernando Limongi: Não, a Dilma estava anunciando que ia fazer a Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência, e a esquerda estava batendo nela, mas ela, quando está mais acossada, fala: «preciso fazer isso». A Reforma da Previdência não tem jeito, tem que fazer. É déficit público, e déficit público é o pior para o pobre, porque vai dar inflação e quem se ferra com inflação é o pobre. Não precisa fazer a primeira Reforma da Previdência que o Temer mandou, aquela que você só se aposenta depois que morrer. Politicamente está tudo errado em dizer que está cortando privilégios. Você não está cortando privilégios. Pode ter privilégios na Previdência, a idade mínima está relativamente baixa, pode subir, mas isso são ajustes. Quando a aposentadoria máxima é, sei lá, 5 mil reais, e você impede o cara de ganhar isso, você não está dizendo “estou tirando um privilegiado”, está simplesmente impondo um custo para você porque não vai dar para pagar. E aí é o erro do governo, como é de todos os governos. Por que não atacam os verdadeiramente privilegiados? A resposta usual é “ah, mas isso aí é pouco dinheiro, não vai resolver o problema”. Mas resolve politicamente e resolve no campo da justiça: é justo. Eu, como contribuinte da previdência, se estão me dizendo que o Estado não pode pagar, então o Estado também não pode pagar os privilégios do setor público, sobretudo do Judiciário. Também não pode continuar sem taxar os ricos. É difícil, é pouco dinheiro, tudo bem, mas taxa! Porque você está taxando o pobre. O que está errado é sempre taxar o pobre, é sempre o pobre que vai pagar a conta. O pobre ou classe média, a parte de baixo do edifício social. A parte de cima continua na boa. Politicamente você tem que atacar nos dois, no ponto de vista da justiça. O teto aqui para professor universitário, ele vale. Ninguém ganha mais que o Alckmin. É 22 mil no bruto, depois vem os descontos. Mas no Judiciário, todo mundo passa. Passa porque faz aquelas artimanhas.

Eu já escrevi duas vezes e depois cortei do meu artigo porque achei que era exagerado, mas isto não é corrupção sistêmica? É diferente da que o Moro combate? Acho que é possível dizer que há uma ‘corrupção sistêmica’ em favor do do Judiciário, do Ministério Público. Isso não é sistêmico? Isso é muito mais sistêmico do que qualquer coisa. Se você fizer a conta, dá mais do que saiu pela Petrobrás. Eu sei, meu pai era juiz. Eu sei o tamanho dos privilégios que vão sendo obtidos. É uma verdadeira indústria, os caras ficam processando o Estado, dizendo que não pagou isto e aquilo, que há dívidas acumuladas. Acham a ‘causa’, fazem o processo e ganham, pois quem julga? Eles próprios. É uma beleza. O Moro ganhou salário de 100 mil em vários meses. E está tudo certo. A declaração dele é análoga a dos dos políticos que ele processou: “é tudo legal, tudo tudo legítimo, não tem nada de errado”. Como que não

tem nada de errado? Mas vão dizer “isso aí não é o problema, não é a causa do déficit público”. Pode não ser. Mas gera problemas. Há estudos mostrando que esses privilégios dessas carreiras penduradas dentro do Estado contribuem decisivamente para a desigualdade social no Brasil. ,Eu, por exemplo, que sou funcionário antigo, eu tenho aposentadoria integral. O dia que eu aposentar, que aliás eu já posso fazer, se eu me aposentar recebo o resto da vida o salário integral. Então é um peso enorme para o Estado. E eu sou filho de juiz e estou aqui. Então é um modelo que se perpetua.

Veja, o Temer ainda não fez a Reforma da Previdência, certo? A única que ele fez foi a trabalhista, cuja aplicação vai ser um inferno. Eu acho que essa aí é muita marola pra pouca onda. Vai ter pouco efeito prático. Acho que ela vai enfrentar resistência, tem coisas absurdas como a licença maternidade... realmente é um manual de fazer besteira e como ser impopular e ser malvado, coisa de revista de quadri-nhos... “ah vou tirar direito de mulher, lactante não vai poder mais almoçar”.

Realmente, é esse grupo que está por trás do Temer. É realmente o pior grupo social e político a dominar esse país desde sempre, dá até saudade de PSDB e de PT. De fato, o Brasil teve muito governante qualificado, se pegar uma sequência PSDB e PT que nós tivemos, não é assim comum, foram bons estatistas, bons círculos, gente boa. Esse governo realmente, é o Cunha, é o Temer, é de doer, é gente que só sabe se pendurar no Estado. O negócio deles é esse. Fernando Henrique apoiou o impeachment, como ele faz um negócio desse? Não é assim “a Dilma é muito ruim, vou tirar a Dilma”. Não acho que ela seja tão ruim e precisasse ser tirada. E mesmo que fosse, e os efeitos de longo prazo? É uma bomba atômica, tem radiação que fica. Acho que se quebrou um preceito básico, que é o de aceitar a derrota, colocar a viola no saco e esperar a próxima vez.

Tudo isso de ruim que tem que fazer, toda a recessão que tem que fazer, era o PT que teria que fazer, era Dilma que teria que fazer, o PT ia dar o governo de bandeja para o PSDB. O resultado foi que o PT não fez, o Temer não fez ou o que fez não era o que deveria fazer. A Dilma no primeiro mandato tinha uma política macroeconômica desastrosa, ela errou. Erra-se na política. Paciência! Mas as oposições não souberam esperar, isso que eu não consigo entender. A Dilma estava sinalizando que ia fazer as coisas que eles estavam dizendo que precisava, ser feitas. Mas no final, ninguém quis dar sustentação à Dilma, nem o PT, e isso foi o trágico, não se deram conta do que se estava fazendo, ninguém teve responsabilidade, jogaram a bomba atômica e vão jogar de novo em cima do Temer.

Primeiros Estudos: *Uma coisa que o senhor coloca no seu artigo e vem sustentando em várias opiniões, é justamente que o governo teve perda de aliados para seus*

adversários no governo Dilma, para que o impeachment ocorresse. E naquela conjuntura o impeachment tinha ligação direta com a Lava-Jato. A operação impeachment catalisada pela dupla Cunha-Temer e, que de alguma maneira, pelo que entendemos, a tese do seu artigo é para barrar a Lava-Jato e salvar a própria pele. O Jucá falava de estancar a sangria, hoje seria possível falar que a sangria foi estancada ?

Fernando Limongi: Eu acho que sim. Precisa ver do ponto de vista deles. Há uma incógnita sobre Moro e o pessoal da Lava Jato, se eles estão satisfeitos. Eles eram anticorrupção ou só anti-PT? Eu acho que isso ainda não está resolvido. O que o Moro fez na condução coercitiva do Lula, aquilo foi decisivo, sem aquilo não teria ocorrido o impeachment. E ele sabe, fez de propósito. Ele já estava atrás do Lula e querendo inviabilizar o governo Dilma. Ele acredita que o Lula é o chefe da quadrilha. Isso ele acredita piamente. Porque se parece que tem uma coisa que eles têm na cabeça é: “não vamos ficar pegando bagrinho. Precisamos cortar a cabeça, se cortarmos a cabeça, a cobra morre”. Isso é uma burrice, certo? E quando eles estão falando que vão pegar a cabeça, e a cabeça é o PT, e eles têm o apoio da sociedade civil e tem muita gente mobilizada e mobilizando, não tem nada natural. Não é natural, digo, ninguém vai para rua espontaneamente, alguém está mobilizando e não são os partidos tradicionais. Para eles, o PT é o inimigo principal. Mas se eles vão continuar, ou não estão fazendo o mesmo esforço porque eles sabem que já não contam com apoio, acho que é isto que não dá para saber. Esse processo vai rolar e não vai parar. O grupo do Temer, o grupo do Joesley, essa baixaria maior, acabou. As empreiteiras vão ter que se reinventar. As empreiteiras, naquela CPI dos Anões do Orçamento, tinham um esquema que funcionava de um jeito, foi implodido e eles reconstruíram no terreno do vizinho. Eles estavam dentro do Congresso e vão para dentro do Executivo, vão para a Petrobrás. Pelo que eu entendi das delações, a JBS foi montada dentro da Caixa Econômica e não no BNDES, foi usando dinheiro do FGTS com ajuda do PMDB. Então tinha esses esquemas que estão sendo desbaratados. Devem ter outros esquemas que não foram revelados: montadoras de carros, remédios, estes setores também faziam altas contribuições às campanhas. O que vai continuar destas investigações? Nós não sabemos. Em algum ponto vai dar um restart, o sistema vai se reiniciar e voltar a se estabilizar. Mas como e quando, aí já não dá para saber.

Mas eles perderam o sistema que operavam. Alguns vão se salvar da cadeia e outros não. Mas eu acho que Renan, Jucá, Temer, Padilha, esses não vão para a cadeia. Depende um pouco do Cunha, se ele vai ficar quieto, se conseguem tirá-lo da cadeia. O Gilmar Mendes, pelo que entendo, estava tentando por um fim neste processo, começou a dar habeas corpus, a criticar as prisões alongadas de Curitiba. Ele estava

desmontando a Lava Jato. Mas cada vez que ele começa, vem um evento como a gravação Joesley-Temer e ele tem que parar sua operação. Eventualmente, este processo de abafa vai ser retomado, e aí será definido quem vai ser salvo. Mas mesmo que o grupo de Temer se salve, e mesmo que salvem o Cunha, politicamente, a carreira deles chegou ao fim. Eles vão ficar marginais, aposentar, pegar o pijama e ficar de fora. Mas todo mundo está atrás da pizza. E o pessoal da Lava-Jato já não tem mais a mesma força, eles não têm mais quem os apoie para colocar gente na rua, para continuarem perseguindo os políticos. Eles não têm mais aliados, estão sozinhos. O trabalho deles era pegar o PT, para isto eles tinham apoio.

Primeiros Estudos: *Professor, o senhor falou na revista Época “não há qualquer chance de o PT vencer as próximas eleições presidenciais”, em Abril de 2016. Agora com a baixíssima popularidade do governo Temer, apoiado inclusive por políticos do PSDB, que terão de assumir o ônus desse apoio, e levando em conta a força eleitoral do Lula, que sendo candidato ou não é uma figura que vai estar presente, e do voto do PT, que hoje tem uma preferência eleitoral 18% maior do que na época da reeleição da Dilma e sendo o partido que tem quatro mandatos e participou do segundo turno de todas as eleições da Nova República, o senhor ainda compartilha dessa opinião?*

Fernando Limongi: Minha linha era esta: “não façam o impeachment, não façam”. Acho que fui o único idiota a perceber que iam acabar estourando a bomba atômica. Eu via a atuação do Cunha na CPI da Petrobrás e via o quão descompromissado com qualquer coisa ele era. Não tem nenhum compromisso ético e não pensa na consequência dos seus atos. Ele é louco, pensa só em si mesmo. O que ele fez ali, aquela coisa de ameaçar a torto e a direito, ele agiu como um verdadeiro gangster. A Clarissa Garotinho é quem conhece bem a ‘peça’ só fala mal dele. Fala que é um chantagista-mor, que é desleal. Ela sabe bem, pois Cunha era sócio do pai dela e o traiu. Conhece o cara de perto, na intimidade.

Se você deixa o PT governar até 2018, o PT não ganharia a eleição porque teria que fazer uma política macroeconômica de ajuste e, se não fizesse, geraria mais e mais crise. Tanto que você vê a eleição de 2016: o resultado do PT para as prefeituras foi desastroso. O que hoje é difícil saber é o quanto que isso já foi absorvido e a população já esqueceu o desastre Dilma. Os estudos sobre comportamento eleitoral dizem que a memória é muito curta. Mas eu desconfio um pouco desses estudos, do jeito que eles são feitos. Nestes trabalhos, só o último ano contaria, isto é, o eleitor perderia a memória. Mas acho que esta memória vai ser captada em outras variáveis do modelo, como na identificação partidária. Não acho que a memória possa ser tão curta.

A identificação partidária do PT está abaixo do que ela sempre foi. Já se recuperou, mas ainda está abaixo. O problema é o tamanho da resistência do eleitor não-petista a aceitar o PT e o quanto que esse eleitor não-petista perdoa o PT ou perdoa o Lula. Ninguém é tonto de achar que só a pessoa é responsável pelos esquemas de corrupção, mas ninguém dissocia o Lula do PT. Se o PT está chamuscado, o Lula está chamuscado. Vai depender muito de como armar a campanha. Na eleição, nós eleitores podemos votar apenas nas opções que nos são dadas pela elite política. Somos sempre forçados a votar no menos pior.

Primeiros Estudos: *Nós tivemos uma reforma política aprovada no meio de uma crise política por um legislativo não muito acreditado. Que mudanças essas reformas trazem pro sistema?*

Fernando Limongi: Não dá para chamar de reforma política. Não teve reforma política. A principal reforma política já tinha sido feita, e foi feita pelo Supremo. Quando o Supremo proibiu a contribuição de pessoa jurídica às campanhas, aquilo mudou da água para o vinho a política brasileira, a forma de financiar as eleições. A reforma política foi feita ali, para o bem ou para mal, certo ou errado, não importa. Não é essa a discussão agora. O leite está derramado. O esquema está desmontado. Como o sistema vai voltar a rodar? Ninguém sabe. Se eles vão montar caixa-dois, o que vão inventar... Eu acho que esse crowdfunding vai ser o 'laranja'. Depende muito do TSE, do que de fato ele vai fiscalizar, e o que ele dizer que não vai fiscalizar. Porque ele não tem condições de fiscalizar tudo e fecha o olho para umas tantas coisas. A principal reforma política já estava feita e os atores terão que se adaptar a esta realidade. Fora isso, o que eles fizeram? Eles arranjaram recursos, que é o tal fundo de financiamento da democracia ou fundo especial de sei lá o quê, o nome vive mudando.. Um substituto 'meia sola' em comparação com o que eles estavam gastando. Mas de outro lado, eles estavam gastando demais.

Era como a Guerra Fria, era uma corrida armamentista. Se você tem 100, eu preciso ter 110 pra ganhar. Se você tem 110, eu preciso ter 120. E assim cresciam as despesas eleitorais. Se você for olhar o que estava sendo gasto, era excessivo e chegando a graus de requinte muito altos. A produção dos programas de TV eleitoral no Brasil é um show de bola, melhor que série do Netflix. É nesse nível de produção. Os partidos estavam checando toda a opinião pública com pesquisa de opinião diária, tracking, etc. A mudança talvez não seja tão grande porque todo mundo desceu. Muito provavelmente o tempo de TV vai continuar importante, e essa distribuição em parte já está feita e em parte vai ser feita pelas coligações.

A briga pelo PMDB se torna crucial, e essa briga que está acontecendo dentro do PSDB. Se ele vai tentar manter o PMDB do seu lado ou se ele vai rifar o PMDB. O pessoal menos pragmático, tipo FHC, Tasso Jereissati, fala: “dane-se o PMDB”. O PT não deve pegar o PMDB, por dizer que “o PMDB é sujo e vai nos tirar voto”. Já o Aécio e o Serra falam: “e o tempo de TV, quem que dará pra nós? Se não fizermos aliança com eles, eles não vão doar o tempo. Mas se não sustentarmos o Temer agora, o Temer vai retaliar e tirar o nosso tempo de TV. Vai fazer aliança com qualquer outro, dando esse tempo de TV para qualquer outro. Inclusive o PT”. É isso que está em jogo e acaba derramando para todos os estados. Cada candidato a governador tem que ‘fazer’ o seu tempo de TV e faz isto montando coligações. Os partidos vendem tempo de TV. No tempo do Joesley e das empreiteiras, eles vendiam mesmo. Era na base da grana, isto aparece nas delações. Pagava por fora, ia pelo caixa-dois ou pelo caixa-um, quando o partido declarava. Então, eles vão ter que achar outro jeito. Como vai ser esta negociação por tempo de TV, o que vão oferecer para os pequenos e médios partidos integrarem a coligação é que ainda não está claro. Ainda tem muita corrupção rodando.

Você vê esse cara que está fazendo delação do PMDB, o marqueteiro do Rio de Janeiro, ele disse que tinha um acordo com o Picciani, que ele seria Ministro da Saúde, que daria umas contas de publicidade do Ministério para sua empresa, mas o Picciani acabou Ministro dos Esporte...mas esse era o modelo, o político pagava parte da campanha mais tarde. E na verdade foi isso que deu o Mensalão. Essa era a troca: “eu financio a produtora aqui e depois a produtora ganha a conta e me devolve o dinheiro”. E o banco garantia a operação. Várias dessas negociações vão continuar rolando e terão essas coligações. Todo mundo fica falando das coligações na proporcional, mas as coligações mais importantes são as das majoritárias, que é onde rola esses acordos onde transfere tempo de TV.

Então, para dizer o que ocorrerá na eleição presidencial é essencial ver como que essas coligações vão ser fechadas agora. Quem vai ficar com esse tempo de TV? Se o Meirelles for candidato, se o PSD fizer uma aliança com o PMDB nacional, se os dois juntarem o tempo de TV deles e o dinheiro deles do fundo para financiar a campanha, o Meirelles está bem na foto. Difícil é o Meirelles pegar o dinheiro deles, porque eles precisam do dinheiro para os governadores. Mas o Meirelles pode arrumar outro dinheiro, ou dele, ou dos empresários, mas estes, pelo jeito preferem o Huck ou Bolsonaro.